

**MEIO SOCIAL E ESTRESSE INFANTIL: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL**

***MEDIO SOCIAL Y ESTRÉS INFANTIL: UN ESTUDIO A LA LUZ DE LA TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL***

***SOCIAL ENVIRONMENT AND CHILD STRESS: A STUDY IN LIGHT OF
CULTURAL-HISTORICAL THEORY***

Emanoela Thereza Marques de Mendonça GLATZ¹
Solange Franci Raimundo YAEGASHI²
Heloisa Toshie Irie SAITO³

RESUMO: O contexto de vida da sociedade pós-moderna, que negligencia o descanso e o tempo em razão da busca excessiva por resultados, tem desencadeado o estresse em grande parte da população, inclusive em crianças que lidam, cada vez mais cedo, com adversidades provenientes do convívio familiar e coletivo do qual fazem parte. Destarte, o presente artigo, de caráter bibliográfico, objetiva identificar os fatores sociais que consubstanciam o estresse e o sofrimento psíquico infantil, utilizando os fundamentos da Teoria Histórico-Cultural para embasar a discussão. Concluiu-se que o meio social, com o seu modo de organização, é um fator preponderante para o desencadeamento do estresse infantil, de modo a prejudicar, demasiadamente, a qualidade de vida dos infantes.

PALAVRAS-CHAVE: Estresse. Estresse infantil. Sofrimento psíquico. Teoria Histórico-Cultural.

RESUMEN: *El contexto de vida de la sociedad posmoderna, que descuida el descanso y el tiempo debido a la búsqueda excesiva por resultados, ha desencadenado el estrés en gran parte de la población, inclusive en niños que lidian, cada vez más temprano, con adversidades provenientes de la convivencia familiar y colectiva del cual hacen parte. Por lo tanto, el presente artículo, de carácter bibliográfico, tiene como objetivo identificar los factores sociales que justifican el estrés y el sufrimiento psíquico infantil, utilizando los fundamentos de la Teoría Histórico-Cultural para apoyar la discusión. Se concluyó que el medio social, con su modo de organización, es un factor preponderante para el desencadenamiento del estrés infantil, de modo que perjudica, demasiado, la cualidad de vida de los infantes.*

PALABRAS-CLAVE: *Estrés. Estrés infantil. Sufrimiento psíquico. Teoria Histórico-Cultural.*

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Mestranda em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9645-3589>. E-mail: manuglatz@hotmail.com

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva. Doutorado em Educação (UNICAMP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7666-7253>. E-mail: solangefry@gmail.com

³ Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Educação (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1061-5933>. E-mail: htisaito@uem.br

ABSTRACT: *The life context of postmodern society, which neglects rest and time in favor of the excessive search for results, has triggered stress in a large part of the population, including children who deal, at an increasingly early age, with adversities from the familial and collective life which they are a part of. Thus, the present article, of bibliographic character, aims to identify the social factors that substantiate stress and the child's psychic suffering, using the foundations of the Cultural-Historical Theory to support the discussion. It was concluded that the social environment, with its way of organization, is a preponderant factor for the triggering of childhood stress, impairing, to a great extent, the quality of life of infants.*

KEYWORDS: *Stress. Child stress. Psychic suffering. Cultural-Historical Theory.*

Introdução

Com o avanço do modelo socioeconômico neoliberal e com as novas exigências de uma sociedade cada vez mais imediatista, o sofrimento psíquico e o estresse têm aumentado no início do século XXI. O excesso de atividades diárias, a falta de lazer e de descanso, o sono de má-qualidade, os problemas familiares e de relacionamento, assim como as preocupações financeiras e a autocobrança por produtividade, rendimento e aceitação, são fatores estressores rotineiros presentes no cotidiano dos sujeitos sociais.

Estudos sobre o estresse e o sofrimento psíquico de infantes vêm ganhando proporção nos últimos anos, mesmo que de maneira muito tímida. A incidência de estresse grave no público infantil ainda é desconhecida, no entanto, sabe-se que toda criança enfrentará situações estressantes no decorrer da infância, as quais impactarão, diretamente, a sua saúde mental e física (LIPP, 2020).

A saúde mental infantil precisa ser compreendida como um fenômeno polissêmico, complexo e que envolve uma gama de aspectos, dentre eles: comportamentais, emocionais, sociais, culturais e afins, de forma a conceder às crianças habilidades capazes de torná-las pertencentes e atuantes no meio social em que vivem, considerando sempre os seus contextos de vida. Já o sofrimento psíquico infantil se efetiva quando a criança, por meio de comportamentos e expressões, manifesta dificuldades em lidar com situações estressantes, o que acaba por lesar e interferir no desenvolvimento de atividades rotineiras, de maneira a prejudicar as relações interpessoais e, até mesmo, o desenvolvimento cognitivo (CID *et al.*, 2019).

Ao ter em vista que o estresse infantil expressa uma relação estrita com o meio social e familiar no qual a criança está inserida, torna-se imprescindível proferir questionamentos acerca dos modos de organização da sociedade contemporânea neoliberal e suas eventuais implicações para o sofrimento psicológico dos infantes.

Segundo os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural (THC), o processo de desenvolvimento humano é, substancialmente, social, sendo o homem fruto do espaço coletivo no qual está inserido. Dessa forma, se o estresse infantil se relaciona, intimamente, com o meio social e cultural no qual a criança está estabelecida, mostra-se, de fulcral relevância, associarmos essa discussão aos estudos da THC que imprimem à humanidade uma definição sócio-histórica, considerando-a produto e produtora da sociedade, da história e da cultura.

À vista disso, este estudo objetiva identificar e discutir os fatores sociais que consubstanciam o estresse e o sofrimento psíquico infantil. A pesquisa justifica-se, ainda, pela urgente necessidade de ampliar debates a respeito do estresse e do sofrimento psíquico de crianças, principalmente diante do atual contexto pandêmico que alterou, de forma significativa, a configuração social e o convívio entre pares (GLATZ *et al.*, 2022).

Por conseguinte, no tocante à problemática que se pretende investigar com o estudo, levanta-se a seguinte questão: de que maneira as formas de organização social subsidiam e fomentam o estresse e o sofrimento psíquico de crianças? Para tanto, com o propósito de buscar respostas para esse questionamento e contribuir para a sistematização de novos estudos que associem os pressupostos da THC ao estresse e ao sofrimento psicológico na infância, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico.

Pesquisas bibliográficas fundamentam-se através da análise e discussão de dados e categorias já refinados por outros pesquisadores, e que se encontram registrados e disponíveis em documentos, como artigos, teses, dissertações, livros e afins. Segundo Severino (2017, p. 93), “os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados” e, além de embasarem a sistematização e discussão de uma pesquisa, podem também revelar lacunas de conhecimento.

Para a construção deste estudo, buscou-se, a priori – na plataforma *Google Scholar*[®] -, por livros e artigos que abordassem sobre os fatores sociais (vivências na família e na escola) que incitam o desenvolvimento do estresse e do sofrimento psíquico infantil. Ressalta-se que como critério de inclusão, buscou-se apenas por artigos e livros que dialogassem sobre o estresse e o sofrimento psíquico nos infantes, determinando como critério de exclusão, o uso de trabalhos acadêmicos em sua íntegra, como teses e dissertações⁴. A posteriori, também se selecionou textos bases da THC que, além de discorrerem sobre os principais fundamentos da teoria, correlacionassem-se com a temática da saúde mental na infância.

Assim, evidencia-se que esta pesquisa se ancorou nos pressupostos da THC, concebida por Lev Semionovitch Vygotsky e construída sob o alicerce do Materialismo Histórico-

⁴ Utilizando-se apenas artigos sistematizados a partir desses trabalhos científicos, se disponíveis.

Dialético, uma concepção filosófica defendida por Karl Marx e Friedrich Engels. O artigo está subdividido em quatro partes, sendo a primeira uma breve conceituação e caracterização do estresse e suas possíveis causas. A segunda consiste em uma discussão sobre o estresse no público infantil, suas causas e sintomas. A terceira tece um diálogo entre os preceitos da THC e a influência do meio social no estresse e no sofrimento psíquico de crianças. Por fim, a quarta parte traz as considerações finais das reflexões realizadas.

Conceituando e caracterizando o estresse

A palavra estresse, derivada do latim, é uma adaptação da palavra ‘*stress*’ do idioma inglês, cuja terminologia denota o sentido de ‘acentuação’, ‘tensão’, dentre outros aspectos. Ademais, o estresse pode ser interpretado como uma resposta psicofisiológica necessária para a manutenção da vida do organismo, que pode ocorrer diante de situações em que o indivíduo se sinta confrontado, amedrontado, irritado, excitado e, até mesmo, extremamente feliz. O estresse advém, portanto, da necessidade de adaptação a uma circunstância e/ou evento da vida e, independentemente da situação estressora, a resposta bioquímica produzida pelo corpo será sempre a mesma (LIPP, 2020).

Quando um sujeito se depara com uma situação desafiadora e estressante, três sistemas corporais são ativados por meio de uma reação desencadeada pelo hipotálamo, sendo eles: o Sistema Nervoso Autônomo simpático (SNAs); o sistema imunológico e o eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA). Ambos os sistemas são responsáveis por produzir mudanças bioquímicas no corpo, extremamente necessárias para o imediato enfrentamento do estressor, como a elevação da pressão sanguínea, a dilatação da pupila e dos brônquios, o bloqueio da digestão, a liberação de hormônios – a adrenalina e a noradrenalina na corrente sanguínea –, a elevação da glicemia, a estimulação da musculatura esquelética e do encéfalo, além da promoção de comportamentos de alerta e de vigilância (SOUZA; SILVA; GALVÃO-COELHO, 2015).

A literatura revela que, nos casos em que o estresse é empregado para o enfrentamento positivo de ações desafiantes e para a motivação e/ou manutenção da sobrevivência, podemos denominá-lo “eustress”. Já o estresse que sobrecarrega os mecanismos de controle e impossibilita o emprego de respostas ao evento e/ou situação estressora, produzindo efeitos nocivos ao sujeito, nomeia-se “distresse” (PACÍFICO; FACCHIN; CORRÊA SANTOS, 2017).

O corpo humano funciona em perfeita harmonia: os órgãos trabalham de maneira assertiva e colaborativa, a fim de garantir que todas as suas funções vitais sejam administradas

com sucesso. Quando o indivíduo se defronta com uma situação estressante, os órgãos passam a trabalhar de forma descompassada, a exemplo do coração, que acaba bombeando o sangue mais rapidamente; o estômago apresenta certa dificuldade em digerir os alimentos; e o intestino resolve trabalhar, de maneira mais rápida ou mais lenta, a depender do indivíduo. Na grande orquestra vital do corpo humano, não há mais nenhum tipo de equilíbrio e, sem a homeostase tão necessária para manter todos ‘tocando no mesmo compasso’, o sujeito começa a sentir confusão e desconforto físico e mental (LIPP, 2004).

Com a falta de homeostase corporal⁵, suscitada por uma resposta fisiológica a um estressor, a atividade do sistema endócrino aumenta, por meio, em especial, da ativação do eixo Hipotálamo-Hipófise-Adrenal (HHA), que intensifica a secreção de vários hormônios, dentre eles, o cortisol, comumente conhecido como hormônio do estresse. Em situações corriqueiras, nas quais o estresse tem duração curta e uma prevalência baixa, dificilmente, graves problemas ocorrerão no corpo. No entanto, quando o estresse se torna crônico, com eventos de grande duração e alta prevalência, nossa estrutura física vai aos poucos degradando-se, ao ter em vista que o cortisol, no momento em que é secretado ininterruptamente, pode ocasionar problemas físicos, como a hipertensão arterial e o desenvolvimento de gastrites e úlceras, a deficiência no funcionamento do sistema imunológico, além de um envelhecimento prematuro do hipocampo e danos cerebrais com morte celular (BARLOW; DURAND, 2015).

No ano de 1936, o médico endocrinologista Hans Selye realizou uma observação incidental que resultou em uma nova área de estudos da medicina: a fisiologia do estresse. Segundo ele, a ‘Síndrome Geral de Adaptação’ (SGA) apresenta três etapas distintas que ocorrem no organismo em resposta ao estresse contínuo. A primeira delas é a fase de ‘alarme’, benéfica para a manutenção da vida, pois gera uma reação imediata a qualquer perigo enfrentado pelo indivíduo. A posteriori, surge a fase de ‘resistência’, momento em que o organismo mobiliza mecanismos de adaptação para reagir diante do estressor. Por fim, caso a fonte de estresse permaneça ativa, com maior durabilidade e/ou intensidade, ocorre a fase de ‘exaustão’, na qual inicia-se um processo de deterioração do corpo que pode padecer de diversas enfermidades físicas e psicológicas, de modo a sofrer danos permanentes (BARLOW; DURAND, 2015). Compete destacar que a psicóloga Marilda Lipp incorporou uma quarta fase ao modelo proposto por Selye, localizada entre a ‘resistência’ e a ‘exaustão’, denominada ‘quase-exaustão’, que representa o princípio de um adoecimento (CAVALCANTI *et al.*, 2021).

⁵ Propriedade do corpo humano em regular diversas funcionalidades, como a temperatura corporal, o pH, a pressão arterial (e outras funções), além dos fluídos.

Em todas as fases citadas, há a presença de alguns sintomas físicos e psicológicos que podem variar a existência e a intensidade, a depender do organismo de cada indivíduo. Os sintomas predominantemente mais comuns incluem: aumento da pressão arterial (hipertensão arterial); palpitações; problemas estomacais, como úlceras e gastrites; sudorese; tontura; mudanças de humor; irritabilidade constante; cansaço; perda de memória; mudanças nos hábitos alimentares; ansiedade; problemas no sono, dentre outros (PACÍFICO; FACCHIN; CORRÊA SANTOS, 2017).

Concernente ao exposto, é possível apreender que o estresse, quando vivenciado de maneira crônica, é fonte de problemas físicos e psicológicos que prejudicam a qualidade de vida, de forma a gerar disfunções permanentes no indivíduo. Na sequência, discutiremos a percepção do estresse no público infantil, mais especificamente, suas principais causas e sintomas.

O estresse infantil

O aparecimento do estresse na infância pode causar um grande impacto no desenvolvimento do sistema nervoso, ao levarmos em consideração que, nos primeiros estágios de vida, há o início do processo maturacional do cérebro que, para além de ocasionar mudanças cruciais na ação do eixo HHA, vulnerabiliza o indivíduo, tornando-o predisposto à ocorrência de transtornos psicológicos em outras fases da vida (BARLOW; DURAND, 2015).

Pesquisas (ABRANCHES; ASSIS, 2011; CID *et al.*, 2019; GOMIDE *et al.*, 2005) apontam, também, para o fato de que pessoas diagnosticadas com psicopatologias, quando adultas, apresentavam, em sua maioria, sinais precoces desde a infância, os quais, muitas vezes, confundiram-se com timidez ou generalizaram-se como sendo apenas ‘uma fase’. Isso contribui para a premissa de que o sofrimento psicológico, despontado nos primeiros anos de vida, pode acompanhar o indivíduo durante sua adolescência e vida adulta.

Os fatores potencialmente desencadeantes do estresse em crianças variam de acordo com os aspectos subjetivos de cada uma. Todavia, segundo Lipp (2020), há situações que se manifestam recorrentemente na vida de crianças estressadas. Aqui, cabe compreender que, para a THC, a criança é considerada um sujeito social que se desenvolve, ao passo que suas condições psíquicas internas são remodeladas por meio de ações externas, provenientes do meio social (BOGOYAVLENSKY; MENCHINSKAYA, 2005). Nesse sentido, as condições objetivas de vida das crianças podem impactar no desencadeamento do estresse ou até impedi-lo.

Desse modo, pode-se afirmar que o estresse é incitado por fontes internas, provenientes do desenvolvimento psíquico/cognitivo e da maturação de cada sujeito, assim como por fontes externas, que correspondem a situações e vivências estressoras oriundas do convívio social e familiar de cada um. Para tanto, Lipp (2020) menciona algumas condições que favorecem o desenvolvimento do estresse em crianças, elencando, como situações de caráter externo: a morte e/ou o divórcio dos pais; a constituição de uma nova família dos pais separados; o nascimento de um irmão; o trabalho da mãe; a instabilidade financeira da família; doenças que agravam a sua saúde ou a de seus pais; dificuldades de adaptação escolar; mudança de residência ou de amigos próximos; carga excessiva de atividades durante o dia; responsabilidades em excesso; brigas recorrente dos pais; rejeição de colegas e exigências sociais ambivalentes.

Dentre as motivações internas que desencadeiam o estresse e que acompanham as fases de crescimento da criança, a autora enfatiza: a timidez; a ansiedade; o desejo de pertencimento e a aceitação constante; o medo do fracasso; as preocupações com as mudanças físicas do próprio corpo; as interpretações errôneas e assustadoras de acontecimentos comuns e rotineiros (LIPP, 2020).

Para além de compreender os fatores que suscitam e desencadeiam o estresse nas crianças, é preciso, primeiramente, entendermos um pouco sobre o seu desenvolvimento maturacional e a forma como se efetiva a aprendizagem durante a infância. Vygotsky, Luria e Leontiev (2016) elucidam que o processo de desenvolvimento infantil segue o da aprendizagem, ressaltando que ambos não se produzem, obrigatoriamente, de maneira semelhante e regular. Vale realçar, aqui, que a aprendizagem da criança se efetiva muito antes de sua inserção na escola, mais especificamente, desde os seus primeiros dias de vida, e que ela se desenvolve enquanto aprende.

De acordo com Lipp (2020), as fontes para o desenvolvimento do estresse na criança podem ser ocasionadas por características fisiológicas cujas sensações se revelam desconfortáveis, como a fome e a dor. Podem, entretanto, ser provenientes de uma aprendizagem, como os medos, os preconceitos, as fobias etc. Cada estágio de desenvolvimento infantil apresenta-se como um terreno fértil para o surgimento do estresse e da ansiedade, tendo em vista a grande gama de conflitos e problemas a serem sanados. À medida que se desenvolve, amadurece e aprende, a criança integra e incorpora, em seu repertório, novas estratégias para lidar com as fontes de estresse; assim, mecanismos próprios de ação são elaborados diante dessas fontes, considerando que “[...] ao mudar o processo de desenvolvimento, o indivíduo

reage de *modo diferente* aos estímulos externos” (BOGOYAVLENSKY; MENCHINSKAYA, 2005, p. 65).

Comumente, as crianças reagem ao estresse expressando sintomas imediatos, ao fazer uma birra, comportar-se de maneira hiperativa, apresentar medos e terrores excessivos – até mesmo, perder o controle miccional (enurese). À medida que o estresse se torna crônico, o sistema imunológico se enfraquece, os sintomas se agravam e se diversificam, manifestando-se problemas físicos, como taquicardia, tensões nos músculos, sudorese, doenças dermatológicas, asma, gagueira, problemas intestinais – diarreia, náuseas –, tiques nervosos, inquietação, dores abdominais e de cabeça, ranger de dentes (bruxismo), cárie etc. Já os sintomas emocionais com maior taxa de prevalência se referem ao surgimento de uma agressividade incompatível com a personalidade da criança, desobediência incomum, ansiedade, explosões de choro, depressão, dificuldades escolares e de relacionamentos, apatia, pesadelos, insônia e terror noturno (LIPP, 2020).

O estresse acarreta problemas que prejudicam, intensamente, a qualidade de vida dos indivíduos, mas as crianças sofrem muito mais, uma vez que a maioria delas tem pouco – ou nenhum – recurso psíquico e emocional para lidarem com as adversidades presentes no cotidiano da vida em sociedade. A seguir, abordar-se-ão os preceitos da THC, desvelando a maneira como o meio social suscita e provê fontes estressoras presentes no cotidiano das crianças.

A Teoria Histórico-Cultural (THC) e o meio social como desencadeador do estresse infantil: uma tessitura possível

A THC teve início com os estudos do psicólogo Lev Semionovitch Vygotsky que, por meio de uma base marxista, propôs-se a compreender o psiquismo humano. Os fundamentos marxistas evidenciam que mudanças históricas nos modos de vida social e material estabelecem alterações significativas na consciência e no comportamento dos sujeitos (FACCI, 2004).

Vygotsky enfatizava que a psique humana se desenvolve a partir das relações sociais e do convívio cultural, sendo elas mediadas pelo uso de instrumentos e signos que se colocam entre o indivíduo e o objeto de sua atividade. Para ele, as funções psicológicas superiores, como a atenção, a memória, a imaginação, o pensamento e a abstração, são desenvolvidas por intermédio da interação do sujeito com o mundo e com os indivíduos mais experientes. Para a THC, a linguagem é vista como primordial à evolução do ser humano, pois ela permite a

comunicação e o intercâmbio social, utilizando-se dos signos como uma forma de ação (FACCI, 2004).

Como podemos, todavia, relacionar os fundamentos da THC ao desenvolvimento do estresse em crianças? A resposta para essa questão pode ser elucidada nos seguintes dizeres: “[...] o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade” (VIGOTSKY, 2018, p. 90). De acordo com essa premissa, o meio social é a fonte para que o indivíduo desenvolva particularidades e habilidades próprias de sua espécie, ao considerar que a sociedade carrega consigo traços historicamente desenvolvidos que procuram dar continuidade e sentido à existência humana. Mais do que isso, Vygotsky (2018) declarava que o desenvolvimento humano é, predominantemente, social; também, que as funções psicológicas superiores surgem, a priori, como formas de comportamento coletivo da criança por meio da colaboração de outros indivíduos. Tais formas, posteriormente, são internalizadas e se tornam traços individuais.

Estudos recentes realizados com macacos validam essa premissa (GILLESPIE; NEMEROFF, 2007; COPLAN *et al.*, 1998), pois expõem que fatores de ordens psicossociais podem afetar, diretamente, os níveis de neurotransmissores produzidos pelos primatas, o que ratifica o princípio de que, porventura, substâncias neuroquímicas produzem efeitos diferentes, a depender do histórico ambiental e psicológico do indivíduo. Para além, outros experimentos evidenciam que o ato de acomodar macacos em comunidade amplia a quantidade de massa cinzenta em diferentes partes do cérebro dirigentes pela cognição social, o que inclui a capacidade para interpretar expressões faciais, gestos, antecipar e prever comportamentos (BARLOW; DURAND, 2015).

Ademais, a ciência já comprovou haver uma interação direta entre os genes e o ambiente, sinalizando que o meio social pode ativar determinados genes que alteram o número de receptores nas margens dos neurônios, o que afetaria, conseqüentemente, o funcionamento bioquímico do cérebro, de modo a ser possível desencadear vulnerabilidades genéticas que favoreceriam o desenvolvimento de transtornos psíquicos de acordo com a reação apresentada diante de um evento estressor (BARLOW; DURAND, 2015).

Desvela-se, então, que o sujeito é a pura expressão de suas condições subjetivas de vida. Segundo Lipp (2004, p. 18), “o stress assume a face de quem o tem”, o que significa afirmar que o espaço social é relativamente importante e impactante no desenvolvimento de potencialidades e/ou de sofrimento, a depender das experiências subjetivas de cada um.

A família e a escola são as duas grandes instituições responsáveis pelos eventos estressores que mais atingem o público infantil. Com seus conflitos internos, disputas por guarda, chegada de novos irmãos, falta de condições socioeconômicas mínimas para a sobrevivência, falta de atenção, ausência de vínculos afetivos sólidos com os pais, brigas constantes e a disciplina confusa e ambígua por parte dos mesmos, bem como o estresse provindo dos adultos presentes no seio da família, são as principais fontes para o desenvolvimento do estresse na criança no âmbito da família (LIPP, 2004, 2020).

No espaço educativo, local onde a criança passa um grande período da sua vida, os principais fatores estressores presentes são resultantes de professores ansiosos e estressados, de uma disciplina rígida e que pouco respeita o desenvolvimento cognitivo e maturacional da criança, do *bullying* e do preconceito cometidos por outros colegas, da dificuldade de adaptação e de aceitação dos pares, do excesso de atividades e do pouco tempo de brincadeira e descanso (LIPP, 2004, 2020).

Crianças estressadas representam um grave problema de saúde pública, pois, além de manifestarem prejuízos significativos nas relações familiares e entre pares, prejudica-se a vida escolar e dificuldades de aprendizagem e problemas no desenvolvimento são ocasionados. Para além, o estresse infantil pode favorecer o sofrimento psíquico em etapas posteriores da vida, como na adolescência e na vida adulta.

Assim, é preciso que o meio social que permeia a vida do sujeito seja construído sob um alicerce seguro, com base na autonomia e no diálogo (SZYMANSKI, 2010). À família, cabe o papel de desenvolver uma escuta ativa da criança, buscando compreender sempre o que ela tem a dizer diante das inúmeras situações experienciadas no seu cotidiano. É preciso fornecer a ela autonomia, sem, no entanto, sobrecarregá-la de tarefas e afazeres, possibilitando-lhe um espaço seguro para vivenciar a infância, para experienciar a vida e o mundo. Também é primordial que discussões adultas sejam tratadas e resolvidas longe da criança, atentando-se para não a envolver em problemas desgastantes, intrincados e sem solução.

À escola, por sua vez, fica o dever de ter respeito às especificidades de cada sujeito, pensando na aprendizagem como um processo anterior à vida escolar. É necessário se conscientizar de que cada criança tem idiossincrasias que as tornam diferentes umas das outras. Finalmente, é preciso que os professores não levem para o ambiente de trabalho os seus anseios e as suas frustrações, atentando-se para os comportamentos dos pequenos em sala de aula, pois eles podem expressar problemas maiores, como dificuldades de relacionamento, de aprendizagem e, até mesmo, o enfrentamento de preconceito e/ou *bullying* por parte dos colegas.

O olhar atento faz toda a diferença e, nesse caso, é o limiar entre: uma criança feliz e disposta e uma criança estressada.

Considerações finais

O presente estudo, conforme idealizado, buscou identificar os fatores sociais que consubstanciam o estresse e o sofrimento psíquico infantil. Ao retomarmos o objetivo principal, irrompem-se novas questões e dúvidas, agora a respeito da saúde mental e do sofrimento psicológico de crianças, bem como sob a preponderância do meio social no desencadeamento da ansiedade e da depressão na infância.

Diante dos referenciais teóricos utilizados, constatou-se que, assim como a THC argumenta, o homem é um ser social que se desenvolve de maneira integral e de acordo com as influências e as relações com o meio. Verificou-se que o desenvolvimento do sujeito se realiza por meio de uma base histórica-social que consubstancia práticas capazes de tornarem os indivíduos conscientes de seu papel e de sua atuação dentro da sociedade.

Percebe-se, também, que o meio social tem um papel basilar no desencadeamento do estresse na infância, sendo algumas das principais fontes estressoras enfrentadas pelo público infantil: a dificuldade de adaptação escolar; as brigas e o divórcio dos pais; a instabilidade socioeconômica; as mudanças de residência; o estresse dos pais e/ou dos professores; o excesso de atividades escolares; a rejeição dos colegas; mortes na família; e o desejo de pertencimento a um grupo.

Vygotsky (2018) afirmava que há uma base social que subsidia o desenvolvimento de competências subjetivas e que o processo de aprendizagem se efetiva sempre de fora para dentro, do social para o individual. O ser humano, tão influenciado pelos fatores ambientais que o rodeiam, constitui-se à medida que experiencia o mundo ao seu redor e o compreende. Destarte, é preciso considerar que, se o alicerce social e familiar de uma criança se encontra fragilizado, favorecendo a promoção rotineira de situações estressantes e de difícil manejo, há uma grande possibilidade de que essa criança desenvolva o estresse durante a sua infância; é oportuno enfatizar: se não observado e tratado de maneira adequada, prejudicará sua saúde psíquica em etapas posteriores da vida.

Apesar das limitações deste estudo – como ter tratado apenas do fenômeno do estresse no público infantil, não o relacionando ao sofrimento psíquico oriundo de sua cronicidade –, ele fornece subsídios essenciais para uma compreensão mais ampla sobre o papel e a contribuição do meio social no desenvolvimento ou não do estresse em crianças.

Para além, almeja-se, com esta pesquisa, fornecer subsídios que favoreçam novos estudos que objetivem associar os fundamentos da THC ao estresse e ao sofrimento psíquico de crianças, jovens e adultos, de modo a buscar novos caminhos para tornar as relações sociais mais saudáveis e menos prejudiciais aos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, C. D.; ASSIS, S. G. A. A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 843-854, 2011. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v27n5/03.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

BARLOW, D. H.; DURAND, V. M. **Psicopatologia: Uma abordagem integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

BOGOYAVLENSKY, D. N.; MENCHINSKAYA, N. A. Relação entre aprendizagem e desenvolvimento psicointelectual da criança em idade escolar. *In*: LEONTIEV, A. N. *et al.* **Psicologia e pedagogia: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

CAVALCANTI, A. L. S. R. *et al.* Treino de controle do stress de Lipp: Uma revisão integrativa de literatura. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 41, n. 100, p. 37-47, jan./jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2021000100005. Acesso em: 20 mar. 2022.

CID, M. F. B. *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: As percepções dos educadores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/x46ycvnxT3msphKhJm4WyjF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2022.

COPLAN, J. D. *et al.* Cerebrospinal Fluid Concentrations of Somatostatin and Biogenic Amines in Grown Primates Reared by Mothers Exposed to Manipulated Foraging Conditions. **Archives of General Psychiatry**, v. 55, n. 5, p. 473-477, 1998. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/203844>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3Nc5fBqVp6SXzD396YVbMgQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2022.

GILLESPIE, C. F.; NEMEROFF, C. B. Corticotropin-Releasing Factor and the Psychobiology of Early-Life Stress. **Current Directions in Psychological Science**, v. 16, n.

2, p. 85-89, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8721.2007.00481.x>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GLATZ, E. T. M. M. *et al.* Ensino Remoto Emergencial e a saúde mental de pós-graduandos: O sofrimento psíquico discente em tempos de pandemia. **REVASF**, Petrolina, v. 12, n. 28, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1873>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GOMIDE, P. I. C. *et al.* Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico-USF**, Itaboraí, v. 10, n. 2, p. 169-178, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/RHJgN4cSPcZxknfr9Tq4FPD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 mar. 2022.

LIPP, M. E. N. **Crianças estressadas**. São Paulo: Papirus, 2004.

LIPP, M. E. N. **Stress em crianças e adolescentes**. São Paulo: Papirus, 2020.

PACÍFICO, M.; FACCHIN, M. M. P.; CORRÊA SANTOS, F. F. F. Crianças também se estressam? A influência do estresse no desenvolvimento infantil. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 107-123, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10218>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, M. B. C.; SILVA, H. P. A.; GALVÃO-COELHO, N. L. Resposta ao estresse: I. Homeostase e teoria da alostase. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 2-11, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/wLn5RGy9pVXSZKryWSPHXTF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2022.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: Desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Liber Livros, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VYGOTSKYI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2016.

Como referenciar este artigo

GLATZ, E. T. M. M.; YAEGASHI, S. F. R.; SAITO, H. T. I. O reflexo do meio social no desenvolvimento do estresse infantil: Um estudo à luz da Teoria Histórico-Cultural. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v. 18, n. 00, e022012, 2022. e-ISSN 2526-3471. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v18i00.16640>

Submetido em: 25/06/2022

Revisões requeridas em: 10/08/2022

Aprovado em: 26/09/2022

Publicado em: 30/11/2022

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

